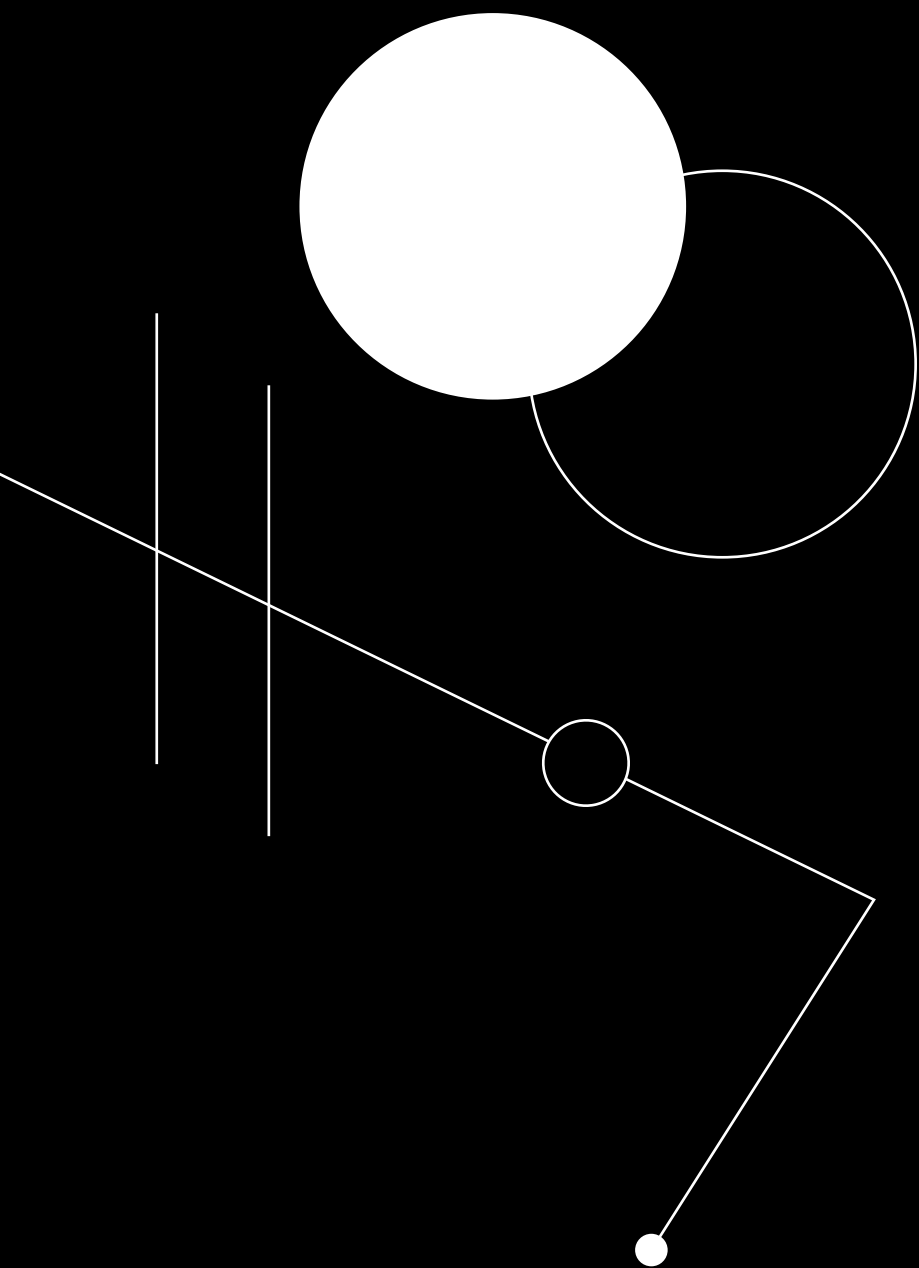


**Bula para  
uma vida  
inadequada**

**Yuri Al'Hanati**



**Bula para  
uma vida  
inadequada**

---

**Yuri Al'Hanati**

PORTO ALEGRE



SÃO PAULO · 2019

Copyright © 2019 Yuri Al'Hanati

**CONSELHO EDITORIAL** Gustavo Faraon e Rodrigo Rosp

**CAPA E PROJETO GRÁFICO** Luísa Zardo

**REVISÃO** Fernanda Lisbôa e Rodrigo Rosp

**FOTO DO AUTOR** Rafael de Andrade

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A316b Al'Hanati, Yuri  
Bula para uma vida inadequada / Yuri Al'Hanati — Porto Alegre :  
Dublinense, 2019.  
160 p. ; 21 cm.

ISBN: 978-85-8318-119-4

1. Literatura Brasileira. 2. Crônicas Brasileiras. I. Título.

CDD 869.987

---

Catálogo na fonte: Ginamara de Oliveira Lima (CRB 10/1204)

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Dublinense Ltda.

**EDITORIAL**

Av. Augusto Meyer, 163 sala 605  
Auxiliadora — Porto Alegre — RS  
contato@dublinense.com.br

**COMERCIAL**

(11) 4329-2676  
(51) 3024-0787  
comercial@dublinense.com.br

Onde quer que se encontrem  
membros do gênero humano, eles  
sempre mostrarão traços de uma essência  
condenada a um afã surrealista.  
Quem sai à procura de homens  
vai encontrar acrobatas.

*- Peter Sloterdijk*



# Nada ao redor

*Luís Henrique Pellanda*

É sempre interessante observar os primeiros arrancos de um cronista. O modo como explora seus temas de predileção, sua biografia e seu espaço geográfico, ainda experimentando a qualidade dos terrenos por onde se aventura. O jovem cronista é um escritor à caça de seus leitores, buscando uma posição que lhe seja mais favorável, ou menos exposta. Um escritor que se move e se atocaia, que embosca e atira, e então se move de novo. Porque, sim, é importante saber se posicionar entre seus pares. O Brasil tem uma longa história no gênero, e a fila da tradição literária, assim como cada cronista, individualmente, precisa se manter em movimento.

Yuri Al'Hanati, a julgar por este seu livro de estreia, parece já ter escolhido seu figurino e suas obsessões. Ou talvez nem tivesse como fugir deles. Usa a crônica como uma espécie de bálsamo para as grandes e médias ressacas. Escreve sobre um mal-estar difuso, que ele próprio não tem como diagnosticar com precisão, mas que sabe dizer respeito à

sua época. Aos gostos de sua geração, ao simulacro de convivência que caracteriza as redes sociais, à institucionalização das festas e da alegria, ao culto às soluções tecnológicas, às manifestações compulsórias, ao trabalho burocrático, à obrigação de cada um de parecer bem, integrado, limpo. Ao ônus de jogar o jogo certo.

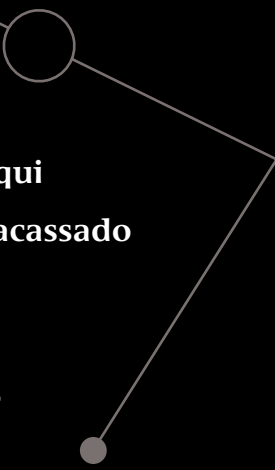
Estamos falando de um cronista que se define pela negação. De sua janela, no último andar de um edifício isolado em Curitiba, o autor simplesmente constata, sem descambar para o cinismo, que “tem uma vista”. Ou melhor, que tudo que tem é esta “vista impessoal”, onde nada está sob sua influência, onde nada se move em sua direção, a não ser a tempestade e um ou outro trem obsoleto. Yuri é este cronista com nada ao redor. E talvez por isso acabe optando por fechar a janela, voltando sua atenção para o interior de si mesmo. Lá fora as multidões dançam, marcham, torcem pela vitória de seu time no estádio vizinho ao seu prédio. Não importa, o cronista abre seu vinho e pensa na solidão que lhe cabe.

Não que seja pedante. Não que não seja um flâneur. Pelo contrário: flana, e até demais. Extrapola os limites da sua cidade, as fronteiras do seu país, as bordas da sua língua. Passeia por Istambul, Belgrado, Joanesburgo, Riga, Moscou. Renega as massas, desconfia delas, mas não deixa de visitá-las, de misturar-se a elas, de comerciar com o outro. Como se estivesse o tempo todo dando uma nova chance ao mundo. E também ao Brasil, para ele uma vasta “nação de flâneurs” assustados.

Yuri só não nos diz de onde veio. Não nomeia a cidade onde nasceu e cresceu, o mar onde aprendeu a surfar aos



quatro anos, a vila carioca onde tantas vezes se travestiu de bate-bola, personagem carnavalesco, híbrido de monstro e bufão acetinado. Prefere apenas se reconhecer distante de tudo. Da família, de Deus, das emoções coletivas, do desejo de deixar descendentes, do entusiasmo e das decepções da moda. Vive no Sul do país por gostar do silêncio de seus habitantes. Aqui, talvez mais do que em qualquer outro lugar do globo, “cada corpo é um eremitério”. Yuri é um cronista no ermo.

- 
- 13 **Eles estão lá, eu estou aqui**
- 15 **O fracasso e a arte do fracassado**
- 19 **Monolito de água**
- 23 **Redução por números**
- 27 **Meu nome não é Cléber**
- 31 **A vida dos outros**
- 35 **Anatomia da ansiedade**
- 39 **Banheiro de rodoviária**
- 43 **O vendedor de abacaxi**
- 47 **Uma vista impessoal**
- 49 **O pinball como representação da vida**
- 53 **Uma fé possível**
- 55 **Chiclete preto**
- 57 **A velha e o papagaio**
- 61 **Uma conta bancária para este menino**
- 65 **O casal impaciente**
- 69 **Adeus raivoso**
- 73 **Todo mundo se assusta com barulho**
- 75 **Meu vizinho violinista**
- 77 **O terrível bar de portinha**
- 81 **Punk rock**
- 85 **Quero uma festa punk**

- 89 **O dia em que a década de 90 acabou**
- 93 **Ressaca negra**
- 95 **O vício de ficar sozinho**
- 97 **Natal na fazenda**
- 101 **Quando eu era inferno**
- 105 **Scheiße**
- 109 **A impossibilidade do flâneur moderno**
- 113 **A velha pele**
- 115 **Mar com sonhos de rio**
- 119 **Santa Milena**
- 123 **Atatürk**
- 127 **A hospitalidade sérvia**
- 131 **A hospitalidade russa**
- 135 **A briga dos dois Nikolais**
- 137 **Meu capote soviético do mercado negro de Riga**
- 141 **Janela para o real**
- 145 **Kurat**
- 147 **O som do silêncio**
- 149 **A sinédoque da soneca**
- 151 **Beber a própria solidão**
- 155 **Distância**







## Eles estão lá, eu estou aqui

O barulho da chuva some, mas um ruído estático continua no ar. Abro a janela e constato que o som vem do estádio ao fundo da minha paisagem urbana enevoada. O Paraná Clube é uma espécie de time de futebol, com a diferença que desperta mais compaixão do que rivalidade nos adversários. Um adorável azarão, assim parece. De maneira que toda e qualquer festa maior que a sua outrora pífia e agora em ascendente explosão demográfica torcida faz arranca elogios nas redes sociais pelo que há de belo no esporte. Não entendo do belo nesse contexto, mas tenho certeza de que não é a aglomeração de bêbados gritando para a grama. Deve ser, sei lá, isso de ir a um estádio e não matar ninguém.

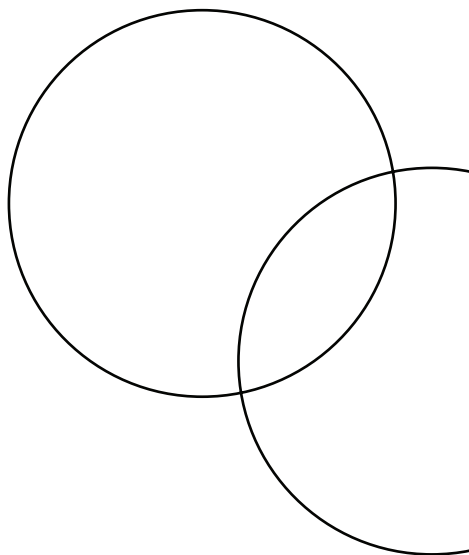
Abro a janela do quarto para me debruçar e fico ouvindo ao longe o som de televisão fora do ar que dez mil vozes desconexas fazem quando amplificadas por uma concha acústica de paredes de arquibancada. A chuva está um pouco fina, só o suficiente para molhar de leve a testa, e o ar fresco da noite cura as feridas pulmonares causadas

pelo bafo quente da tarde, que ao longo do dia agrediu toda essa gente desacostumada a viver fora do gelo. Os holofotes parecem querer iluminar a cidade inteira, o deserto negro resistindo à base de insuficientes postes de halogênio. Iluminam as cores vibrantes do estádio, vermelho e azul. A massa cinza do lado de dentro, imagino, são as pessoas que, assim como suas vozes, parecem amorfas e unificadas num único horror.

Eu assisto em silêncio. Sinto uma doce melancolia em me ausentar desse evento de multidões. Gosto da minha masmorra do vigésimo andar. Eles estão lá, e eu estou aqui.

Percebo que falhei em ser um sujeito das massas. Não consigo compartilhar dos gostos que aglomeram as multidões em praças públicas, estádios, sambódromos e boates, ou mesmo aquelas que arrebanham no corpo a corpo, cada uma em sua casa assistindo à mesma tela. Sequer tenho uma turma de amigos que me convide para tomar um trago na calçada ou coisa que o valha. Curitiba me ensinou a ser sozinho ao mesmo tempo em que me mostrou que ninguém pode ser uma ilha. Não reclamo, a solidão me faz bem, constato, enquanto mais uma vez me dou conta de não participar da balbúrdia que acontece a poucos metros da minha casa. Os gritos explodem. Talvez alguém tenha feito um gol, ou chegado perto disso. Não sei. Fecho a janela e volto minha atenção, mais uma vez, para dentro.

# O fracasso e a arte do fracassado



Certa vez, o — agora já se sabe — não literalmente imortal Lêdo Ivo disse em uma entrevista que jamais escreveria uma linha que fosse caso fosse rico, bonito e bem-sucedido. Tivesse um barco, mulheres e outras coisas que a sua mente era capaz de conceber como sinônimo de felicidade ali e estaria em algum recanto aproveitando e não escrevendo a vida.

A ideia de que a escrita ou, vá lá, a arte em um sentido mais amplo, seja o ofício de almas inadequadas aos padrões de sucesso e felicidade estabelecidos em nossa cultura não é nova nem obscura, restrita a uma meia dúzia de pensantes. Praticamente todos os poetas românticos escreveram sobre suas inconveniências existenciais em versos que inspiraram outros a buscar refúgio e conforto em uma espécie de paganismo beletrista que, se oferece mais tormento do que conforto para a alma de seus adeptos, pode ainda assim se pretender a uma tormenta conformada e, portanto, algo confortável.

A questão implica duas incongruências. A primeira: como manter uma arte inconformada caso o artista alcance o sucesso? De rappers que cantavam a pobreza da periferia e de repente se viram ricos e moradores de condomínios nobres a grupos de rock depressivos que obtiveram tudo o que suas letras prometiam jamais conseguir, resta ao fracassado bem-sucedido um simulacro de seus tempos inglórios ou um vazio de conteúdo que não passará incólume pelo implacável crivo da crítica.

A segunda: como manter o romantismo e idealismo da arte inconformada em uma época em que o próprio sinônimo de sucesso consiste em ser inadequado e incompreendido? O paradoxo encerrado em si não vislumbra possibilidades reais para fora da questão. Ainda assim, há quem tente, rejeitando inclusive o sucesso, a base de fãs, tudo aquilo que, dirá o artista, ofusca e desvia o real significado de sua arte.

O poeta Ferreira Gullar dizia que a arte existe porque a vida não basta. O escritor francês Michel Houellebecq, por outro lado, dizia que se faz arte por já estar, de alguma forma, cansado da vida. As duas afirmações sobre o propósito das intenções artísticas parecem antagônicas, mas se aproximam em seu significado (não tão) subtextual: a inadequação para a vida, para mais ou para menos.

Mas talvez esse descompasso entre indivíduo e sociedade não seja algo exclusivo, raro e muito menos circunstancial. Talvez fale diretamente à natureza inconformada do homem, razão pela qual sempre se é capaz de consumir e apreciar arte, mesmo de uma posição de relativa estabilidade. Emprego, família, casa própria e algum livro do Bau-



delaire entre as estantes não é nenhum absurdo, pois. Aos que dizem prescindir da arte deve-se estar de olho atento sempre. Esses são os tipos mais entediantemente perigosos.



# Monolito de água



“Aqueles que nasceram longe / do mar / aqueles que nunca viram / o mar / que ideia farão / do ilimitado? / que ideia farão / do perigo? / que ideia farão / de partir?”. Os versos de Ana Martins Marques acertam o sentimento de estranheza com esta entidade tão presente, mas fazem justiça somente aos que viram o mar alguma vez na vida; pouco podem fazer por aqueles que nasceram de frente para o mar, como eu. Porque ver o mar e saber de sua imensidão é diferente de tê-lo como o limitador dos caminhos ao sul, e não importa para onde se partia, o mar acompanhava a trajetória de longe. A vida na pequena praia onde eu nasci só dispunha de três direções.

Fui batizado no mar. Aos quatro anos, aprendi a ficar em pé em cima de uma prancha de surfê. Tirávamos o proveito que a orla possibilitava às crianças, com sua caixa de areia infinita, as ondinhas que molham os pés e seus objetos curiosos espalhados pelo chão ao sabor das primeiras descobertas. Dez ou vinte metros mais para lá

era o limite; cinquenta ou cem, a zona proibida onde por vezes golfinhos davam seus alôs à terra firme em manhãs frias de agosto. Mais do que isso, era o desconhecido. Em alguma parte desse desconhecido, meu pai trabalhava. Mergulhava em águas profundas para cumprir suas obrigações de biólogo e pesquisador. Isso eu não via, só ouvia os relatos quando o Ulisses lá de casa voltava a Ítaca para almoçar.

Até que um dia fui embora e o mundo passou a ter uma rosa dos ventos completa. O mar continuaria ali, e só estava mais longe, eu sabia, mas para quem olha para esses prédios amontoados que somem no meio da poluição e da noite e não sabe para que lado ficam os barcos, é como uma presença dissipada. E como me distanciei do mar! Minha pele branca ficou ainda mais branca e minhas braçadas se tornaram cômicas, para dizer o mínimo. Hoje, como as pessoas da cidade, vou à praia — outra praia, que não é a minha praia — e o que para os outros é exílio, para mim é regresso.

Todo um ritual que me é estranho: arrumar uma mochila, lembrar de levar toalhas, chinelos, protetor solar, pagar pedágio, ficar parado na estrada e dormir em uma cama estranha depois do banho de mar, em uma casa cheia de areia e ardósia que precisa ser toda aberta (para ventilar) e depois toda fechada antes de partir novamente. Usar pratos, talheres e copos que ou são trazidos junto com as toalhas e chinelos, ou precisam ser retirados de gabinetes velhos e desempoeirados. À noite, muito barulho encobre o barulho do mar: cães, carros com som alto, uma festa que espoca em uma vizinhança intei-

ra formada por turistas. Penso nas pessoas e volto a Ana Martins Marques, agora me fazendo sentido: “Quando disserem / quero me matar / pensarão em lâminas / revólveres / veneno? / pois eu só penso / no mar”.